

PROPAGANDA LIBERAL

SERIE PARA O POVO

Segundo opusculo

O

ECLYPSE DO ABOLICIONISMO

POR

JOAQUIM NABUCO

1833

RIO DE JANEIRO

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS — RUA D'OUVIDOR 31

—
1886

O primeiro opusculo—*O Erro do Imperador* a 200 rs. nas livrarias.

A APPARECER :

Eleições Liberaes e Eleições Conservadoras
(na proxima semana)

A Prostituição Eleitoral
A Perseguição dos Escravos
Porque continuo a ser Liberal.
A Nova Camara

Do mesmo autor, á venda na casa G. Leuzinger & Filhos,
rua do Ouvidor 31 e 36:

- O Abolicionismo*, um volume de 260 paginas, impresso em Londres.
Estudo sobre a escravidão brasileira, sua historia, sua illegalidade, suas influencias sociaes, brochado 2\$000, encad. 3\$000.
- A Campanha Abolicionista no Recife*, um volume de 200 paginas.
Serie de doze conferencias feitas no Recife em 1884, no Theatro Santa Isabel e na praça publica, com um prefacio por Annibal Falcão, 2\$000.

Aviso.

As casas que quizerem ser agentes d'esta publicação mediante uma comissão de 30% e a condição de não vender o opusculo por mais de 200 réis na Côrte e Niteroy e 300 réis nas provincias queiram comunicar com o editor, n.º 1 rua Bella da Princeza. Cada um dos opusculos publicados será enviado pelo correio a quem o pedir remettendo-nos um sello de 200 réis. Recebem-se annuncios.

O ECLYPSE DO ABOLICIONISMO

Entre os serviços de que o actual Presidente do Conselho ha de gabar-se, ao conversar com o Imperador, o principal é seguramente o de haver supprimido a agitação Abolicionista. Elle pôde, com effeito, expôr a S. M. o contraste notavel d'aquella agitação com a tranquillidade que hoje reina no paiz.

A lavoira está calma, tanto que se não ouve mais fallar no Sr. Ramalho Ortigão, em quem encarnou, em uma grande crise, o espirito de resistencia de uma sociedade toda. Isto é altamente honroso para elle. Na historia não se terá visto muitas vezes essa singularidade das classes Conservadoras e dirigentes de um paiz moverem-se á inspiração de um estrangeiro, que não fosse o seu rei. Os Clubs do Commercio e da Lavoira que tinham, alguns d'elles, em seus Estatutos a execução da lei de Lynch e vomitavam fogo e pedras calcinadas contra o Imperador Abolicionista, dispersaram-se mansamente.

O movimento provincial, que libertou o Ceará e o Amazonas, deixando tambem o Rio Grande do Sul muito perto do fim, parou e retrocede. Os *Inglezes* desapareceram da imprensa para dar logar aos anonymos. *Clarkson* (Gusmão Lobo), *Grey* (Ruy Barbosa), Rodolpho Dantas, Barros Pimentel, que emulavam nos entrelinhados do Governo em eloquencia e ardor apaixonado pela abolição a todo o transe, vêm o Evangelho que elles pregavam traduzido em linguagem Con-

servadora, isto é, em editaes contra escravos sexagenarios ou Africanos do Segundo Reinado, e annuncios pondo a premio — porque a apprehensão pelo capitão do matto póde dar lugar ao assassinato do escravo fugido — a cabeça de entes humanos. Quando algum escriptor official apparece é para doutrinar esta capital nos Mandamentos da Escravidão. Em toda a parte os Abolicionistas sentem que a opinião está sendo resfriada por uma forte corrente glacial que desce do pólo de S. Christvão. O POVO ESTÁ INDIFFERENTE Á SUA PROPRIA CÔR. Nem mesmo o signal visivel de que a escravidão dormiu com elle no berço lhe traz reminiscencias d'ella. Vê-se em todo o paiz o canção que succede a um esforço superior á elasticidade do organismo, á concentração do espirito em uma obra de desinteresse.

Dois annos, ou tres, de Abolicionismo, isto é, de preoccupação da propria dignidade, parecem ter gasto a reserva moral da nação, a sua capacidade de resentir. E que maior serviço para um governo do que presidir a essa volta do paiz ao seu contentamento habitual? Que satisfação igual á de ver de repente, pelo effeito da subida do partido Conservador, a face da nação que parecia arder com a chamma do pudor, revelando a excitação do cerebro sob a pressão da honra, descorar de novo em sua pallidez cachetica?

Eu não creio que o Imperador agradeça nada ao Sr. Cote-gipe, tanto como essa metamorphose nacional. Por todos os motivos, o Imperador não póde estimar que se falle muito em escravidão. Eu, por exemplo, ha oito annos quasi não me occupo de outra coisa, e assim reduzi minha intelligencia, erratica por natureza, não, felizmente a fixar-se n'essa idéa unica, porque isso a teria morto n'um carcere, mas a nada produzir que não tivesse relação immediata e directa com a enfermidade organica do paiz, o seu mal incuravel. Quem é homem de letras avalia bem esse sacrificio de concentrar as « faculdades creadoras » do pensamento em uma obra exclusiva, da qual se começa por fazer uma religião e se acaba tendo feito uma

vida: Eu, porém, não fiz da abolição uma coisa, e não estou fazendo outra, por prazer, nem por vocação de apóstolo, mas por dever, obedecendo ao simples *imperativo categorico* da minha Nacionalidade, ao facto unicamente de ser Brasileiro; e como eu ha tantos! É evidente que a escravidão não fere a retina moral do Imperador como fere a nossa, e portanto o desejo de S. M. não pôde ser outro senão que lhe tirem da vista esse quadro de horrores que o desgosta sem preoccupal-o.

*
* *

Nascido no throno e governando o Brazil desde 1840, o Imperador estimaria que a posteridade esquecesse a escravidão entre os factos menores do seu reinado. O seu biographo ideal seria aquelle que pondo em alto relevo todas as suas qualidades, o seu amor as lettras e simplicidade de maneiras, fallasse d'elle como de um Marco-Aurelio ou de um Washington, não dando mais importancia do que a historia tem dado ao exaltar qualquer d'esses grandes homens á existencia da escravidão sob o seu governo.

Mesmo em relação aos escravos o biographo poderia, partindo da minha admissão (*vide O ERRO DO IMPERADOR, pag. 13*) de que tudo que existe por lei é devido *principalmente* ao Imperador, estabelecer um contraste entre o Chefe do Estado e a sociedade do seu tempo; poderia contar (e para isso Dom Pedro II faria bem em começar as suas Memorias) as suas insistencias com os ministerios do primeiro decennio para a abolição do Trafico, do terceiro decennio para a libertação dos nascituros e do quarto para medidas complementares. Estudos sobre os contemporaneos com quem o Imperador lidou illustrariam bem a historia: esses estudos poderiam versar sobre as idéas abolicionistas de cada um d'elles em diversas épocas, a especie de senhores que foram, as relações que tiveram com os Traficantes poderosos, as suas dependencias directas do capital escravista, e ramificações de familia entre os grandes proprie-

tarios. Um documento interessante para a justificação do Imperador seria, por exemplo, o recenseamento dos escravos dos chefes políticos, sem exceptuar os Republicanos, — ainda na hora presente da escravidão, e a actual estatística de escravos dos ministros, membros do Parlamento, magistrados, sacerdotes etc. Depois de tudo o biographo accrescentaria aos títulos Humanistas de S. M. um titulo Humanitario: o de Emancipador dos Escravos. Imaginando-se que a escravidão acabe em vida de Dom Pedro II, elle diria que a extincção d'ella corôou um reinado que levou a nação, sem abalo nem legados de odios entre raças e classes, e sim no meio da paz publica, não sentindo ella mesmo para onde era conduzida, a liquidar com a maior abnegação possível um capital de milhões de contos e a desfazer-se de uma instituição de tres seculos em um breve periodo de tempo.

*
* *

Apezar, porém, do accrescimento de fama que lhe possa advir, em mãos de um futuro panegyrista que o saiba desenvolver, do argumento epico acima esboçado, eu estou certo que o Imperador prefere não ouvir fallar em escravidão. Elle sente que, mesmo quando os seus sentimentos contrastassem com a indiferença empedernida dos ministros, dos senadores, padres, juizes, etc., o que elle fez é nada ao lado do que elle podia ter feito, se a observação das senzalas lhe causasse tanto interesse como por exemplo a contemplação do céu. É certo que de 1840 até bem proximamente a *idéa Abolicionista* tinha despontado em muito poucas consciencias, mas não lhe ha de ser indifferente esse mesmo factó: de não ter sido a d'elle uma d'essas em que a concepção moral do Estado Brasileiro se fez espontaneamente. Mas em seguida o Imperador *sabe* que elle é insensivel á escravidão; *sabe* que nunca perguntou aos milhares de pequenos senhores feudaes possuidores do territorio e do povo da sua *Monarchia*,

quando lhe iam humildemente beijar a mão e elle os fazia barões e viscondes: *Como estão seus escravos?* S. M. sempre foi um bom limitrophe: suzerano de cada um d'elles, vassallo de todos elles juntos, o representante da Realeza nunca atravessou a linha divisoria entre a soberania do Estado e a soberania da Escravidão.

O Imperador além d'isso conhece a dureza do costume que se constituiu lei do paiz pela pusillanimidade e cumplicidade da magistratura. Elle não ignora que um galé de volta de Fernando póde tornar-se senhor de uma rapariga de vinte annos, que o magistrado mesmo que o sentenciou lhe entrega corpo e alma, sem nenhuma protecção, e sabe que o braço da nossa justiça não é nem bastante longo nem bastante forte para abrir as porteiras das fazendas; que o jury chegou em tudo que respeita a escravos ao ultimo grau de abjecção, tornando-se o auxiliar dos Lynchadores, e que o seu Ministerio, o seu Senado, a sua Camara dos Deputados, o seu Conselho d'Estado, a sua Aristocracia, as suas Faculdades de Direito, a sua Magistratura, o seu clero, a sua Policia — de senhores de escravos — constituem juntos e com elle mesmo um como Sacerdocio Egypcio da escravidão, um carcere hierarchico em que os escravos são sepultados vivos.

Por tudo isso nada é mais desagradavel para S. M. do que ouvir fallar sempre na instituição homicida que temos no paiz, e para cujas deshumanidades e extorsões seria preciso além do actual Codigo Penal, que se applica a ella em quasi todos os seus artigos, um Codigo especial dos crimes obsoletos da historia.

S. M. quizera ver a eloquencia nacional, a que penetra no coração do povo, empregar-se em outros misteres que não o de agitar aos olhos do paiz a Camisa Ensanguentada do escravo. Elle preferia talvez que a escravidão não existisse; mas, desde que existe, que não se fallasse n'ella, para essa nodoa de sangue não ser visivel nem em sua corôa, nem na frente do paiz. Ora,

a agitação abolicionista é o grito vibrante, eterno, e sempre doloridamente compassivo do Abel Brasileiro. Que serviço podia o partido Conservador prestar, igual ao de abafar esse grito quando elle começava a ser ouvido do mundo?

*
* *

Entretanto esse Eclypse do Abolicionismo, produzido pela posição de um corpo opaco — o partido Conservador — entre o Brazil e a Humanidade, essa escuridão foi um dos mais tristes e fataes resultados da mudança politica de 19 de Agosto. Não é sem pezar que eu releio hoje os prognosticos de esperança que nós Abolicionistas faziamos em 1884, os hymnos que entoavamos á velocidade crescente da onda de justiça, reparação e magnanimidade, que se desenrolava sobre toda a nação Brasileira n'aquelle anno de enthusiasmo e illusão.

Uma vez, por exemplo, no Theatro Santa Isabel, no Recife, eu não pude deixar de saudar a marcha poderosa d'essa torrente moral e humana, que fazia o orgulho do nosso paiz.

« Para qualquer lado que me volte, disse eu, (1) vejo o horizonte coberto pelas aguas d'essa inundação enorme. Eu vi essa corrente, que hoje alaga o paiz como um rio equatorial nas suas cheias, quando ella descia como um fio de agua crystallina dos cimos de algumas intelligencias e das fontes de alguns corações, illuminados umas e outros pelos raios do nosso futuro. Eu o vi, esse rio já formado, abrir o seu caminho, como o Niagara pelo coração da rocha, pelo granito de resistencias seculares. Vi-o quando, depois das Cataractas, elle ganhou as planicies descobertas da opinião e desdobrou-se em toda a sua largura, alimentado por innumerous affluentes vindos de todos os pontos da intelligencia, da honra e do sentimento nacional; mudando de nome no seu curso como o Solimões,

(1) Vide Campanha Abolicionista no Recife pag. 14.

— chamando-se primeiro Ceará, depois Amazonas, depois Rio Grande do Sul, e hoje o vejo prestés a despejar-se no grande oceano da egualdade humana, dividido em tantos braços quantas são as provincias, levando em suas ondas os despojos de cinco Ministerios e a represa de uma Legislatura, e eu vos digo, senhores, não tendes medo da força d'essa enchente, do volume d'essas aguas, dos prejuizos d'essa inundação, porque assim como o Nilo deposita sobre o solo arido do Egypto o lodo de que saem as grandes colheitas por fórmula que se disse que o Egypto é *um presente do Nilo*: assim tambem a corrente abolicionista leva suspensos em suas aguas os depositos de trabalho livre e de dignidade humana, o solo phisico e moral do Brazil futuro, do qual se ha de dizer um dia que elle na sua prosperidade e na sua grandeza foi um Presente do Abolicionismo. »

Felizes os tempos em que se podia fallar assim, acompanhando o mais nobre dos esforços do paiz até ser quasi corôado pelo successo, sentindo crescer o pulso da dignidade nacional, vendo diminuir no mappa do mundo a mancha negra do Brazil, esperando o raiar de um dia em que todos nos sentissimos limpos como os Leprosos do Evangelho depois da palavra de Jesus.

*
* *

Mas o Eclypse do Abolicionismo já tem durado de mais. É preciso sacudir esse torpor e recommear a campanha. Nós deviamos estar preparados para ver alguns Conservadores que, dizendo-se Abolicionistas, combateram connosco os ministerios Liberaes escravocratas, abandonarem-nos logo que se formasse o primeiro ministerio escravocrata Conservador. Elles achavam que nós pela idéa abolicionista podiamos guerrear successivamente (exceptuando o gabinete Dantas) todos os governos do nosso Partido, mas em combaterem elles um governo Conservador pela mesma idéa, nunca pensaram seriamente. Fazendo-se de Abolicionistas na situação Liberal, estavam apenas

trabalhando para a elevação do seu proprio partido ! Alcançado o fim, quem se lembra mais de tudo o que elles disseram e escreveram, durante o seu disfarce? Nem elles mesmos. O exemplo d'essa defecção começou na Camara com os Abolicionistas Cearenses.

Por outro lado tambem o desanimo era natural. Depois de uma propaganda pela liberdade como nunca se tinha visto em nosso paiz, depois de termos levado a quasi todas as consciencias, a convicção de que a escravidão é um *crime*, depois de termos creado um interesse palpitante pela sorte dos escravos, o que resultou de todos os nossos esforços?

A Escravidão apoderou-se do movimento abolicionista por meio de uma simulação, e conseguiu, em nome das nossas idéas! duplicar, triplicar, quadruplicar o valor dos seus escravos, constituir para si mesma um fundo de amortização lançando impostos sobre os seus adversarios e as suas victimas, e o que é peor retocar a lei de 28 de Setembro na parte que a constringia: o modo do resgate, violando o direito mais valioso do escravo, o unico por meio do qual elle podia chegar a ser tratado como um homem e ter uma familia, tambem humana, e não animal em nosso paiz.

Quem quer aquecer com o seu proprio ardor moral uma sociedade enregelada, ha de sentir-se penetrado do frio exterior nos momentos de inercia e de repouso. Mas basta de estupefacção e desgosto.

Hoje o dever de continuar a lucta resulta mesmo da Segunda Lei de 28 de Setembro. Não é este o momento de estabelecer n'estes opusculos o contraste das duas leis. Mas direi sempre : uma, na phrase de Salles Torres Homem, atacou « a pirataria em roda dos berços » ; a outra estabeleceu a mesma pirataria em roda dos tumulos. É uma lei de coveiros para chacaes ! Se durante a acção da primeira, o movimento Abolicionista chegou a ser o que vimos, depois da segunda, é de nossa honra que elle tome ainda maiores proporções.

É preciso que a nova Legislatura escravista como é, representando entre os seus diversos membros milhares de escravos e as tradições sinistras do Trafico, vote uma lei que apague a do anno passado. Para isso devemos fazer um grande appello aos espiritos liberaes que o partido Conservador tenha no seu seio, sobretudo aos representantes de provincias onde o Abolicionismo tem feito maiores conquistas. A esses pertence o papel que nós, Abolicionistas Liberaes, tivemos na situação passada, no seio do nosso partido. O Brazil tem caminhado bastante para o partido Conservador poder tornar-se, pelo menos em sua fronteira Liberal, tão inimigo da Escravidão como o é o partido Conservador da Inglaterra ou da França.

Mas o principal recurso de todos nós, para ser continua e incessantemente repetido sob todas as fórmias imaginaveis e de todos os pontos do paiz e do mundo, deve ser ao Imperador. O ministerio é d'elle, o partido Conservador é d'elle, e é preciso que Elle não seja da Escravidão, e que uma vez pelo menos se sirva da força nacional, que representa, para um grande fim nacional.

*
* *

Ha um prazer que eu sinto ao reler o que escrevi ha annos: o prazer de ser o mesmo. A linguagem que emprego hoje é exactamente a que usei em 1871, quando o Imperador fez a sua primeira viagem ao exterior. Imaginando-nos Estados-Unidos, eu escrevia, ha já quinze annos, um espaço relativamente longo, na *Reforma* de 28 de Março de 1871, em artigo assignado *Jefferson*: « Alli veria elle de quantos sacrificios um grande povo é capaz para resgatar do dominio de crimes seculares sua reputação e sua honra. Cada um d'esses campos, hoje renascentes, onde a canna e o algodoeiro brotam dos sulcos das balas; uma por uma, essas ruinas amontoadas, a desolação da parte meridional do territorio, tudo fallaria das ultimas grandes batalhas que a escravidão se

atreveu a pelejar. O Ohio separando o campo da liberdade do campo da servidão, regando de aguas fecundas o primeiro, cobrindo de charcos o segundo, apresentar-lhe-hia os fructos do trabalho livre e os do escravo frente a frente, como os apresentou ao insigne pintor da *Democracia na America*; e vendo mais longe, como no assassinato de Lincoln, o punhal ou o revolver escravocrata imminente sobre si, isso mesmo o animaria á obra, se elle aspirasse o ar forte d'esses climas e e se ao tocar « na terra da Liberdade » ganhasse a virilidade dos seus primeiros filhos. Então, de volta, esse poder sem limites que a indiferença publica e o geral descalabro político foram lentamente accumulando em suas mãos, esse poder de que até hoje elle só se tem servido para derribar os partidos gastos e gastar os partidos fortes, applicado á luz, e não á sombra Constitucional, com coragem e não com artificios, realizaria a grande obra da emancipação dos escravos. »

Não se me accuse de optimismo incuravel por eu ainda me dirigir ao Imperador, pedindo-lhe que ponha termo á barbarie do seu reinado. O Poder é elle, a responsabilidade deve ser d'elle. Nós, Abolicionistas, pelo menos devemos ver claro no que concerne á escravidão. O projecto Saraiva deixou de existir Constitucionalmente no dia em que o Sr. Saraiva demittiu-se, e se é hoje lei do Imperio foi somente porque o Imperador o resuscitou, porque o Imperador o quiz. O Sr. Saraiva é por certo uma individualidade e o Sr. Cotegipe tambem tem vontade propria, mas se elles unidos e um após outro fizeram passar aquella lei, foi porque o Imperador entendeu que devia chamal-os para fazel-a passar, e se depois de promulgada ella deixou de ter execução foi porque o Imperador fechou os olhos. A reacção actual é Conservadora, tem a responsabilidade do partido Conservador, mas quem *ideou* essa reacção, quem fez retroceder a sombra do sol no disco da segunda Independencia Brazileira, foi o Imperador. A elle pois é que devemos pedir misericordia para as victimas.

As estatuas Imperiaes eram em Roma refugio para os escravos, como os altares das Egrejas. No Brazil o throno está completamente isolado, n'uma eminencia núa e deserta, dos soffrimentos do povo. O escravo Brasileiro, nos pensamentos que precedem o suicidio, acharia mais facil chegar a nado ao navio estrangeiro que elle descobre no alto-mar, do que subir aquella montanha inaccessible d'onde ninguem o avista. Mas é possível que o Imperador resinta uma vez a nossa indignação. É possível que o Memnon Imperial, ferido no seu granito pelos raios nascentes de uma nova consciencia, exhale pela primeira vez o gemido de um milhão de peitos. É possível que o Brasileiro que se senta no throno comprehenda por fim que o Brazil não deve figurar até ao fim do seculo como o representante fossil da Edade do Escravo, o Mammouth colossal da Escravidão.

Eu poderia dizer que procedendo d'essa fórma, elle que occupa no Instituto de França a cadeira de Pedro o Grande, teria feito tanto com um simples actõ humanitario para elevar a posição moral do seu paiz no mundo, como aquelle com as suas conquistas nos tres Mares para transformar a Russia em grande Potencia. Eu poderia accrescentar que semelhante iniciativa, se fosse individual e ousada, equivaleria a lançar em signal de alliança o annel da dynastia nas profundezas do nosso povo, como os doges de Veneza lançavam no Adriatico o symbolo da sua união com o mar.

Mas eu prefiro pedir ao Imperador, representante corôado da raça Branca, que dando um pequeno valor a cada vida humana passada do berço ao tumulo em captiveiro, a cada açoite soffrido por não trabalhar a contento de outrem, a cada criança morta por se ter impedido a mãe de aleital-a, a cada mulher violada em seu pudor, a cada peculio de lagrimas, a cada familia dispersa para sempre do norte ao sul n'esta Siberia tão implacavel em suas distancias para os escravos como a Siberia Russa para os Nihilistas, a cada morte por máos tratos e perseguição diaria,

a cada suicidio por excesso de soffrimentos, a cada crime para trocar o captiveiro pelas galés, a cada individuo explorado minuto por minuto em suas aptidões, sua saude, e até em sua dedicação e seu amor, forme de todos esses valores moraes e de muitos outros semelhantes uma quantidade que eu chamarei A.

Depois eu pediria a S. M. que formasse com os valores correspondentes á subtracção de cada uma d'essas parcellas de soffrimento, do fundo de moralidade, população, riqueza, trabalho e liberdade da outra raça, uma quantidade symbolica dos prejuizos nacionaes da escravidão, que eu chamaria B, e sendo X os quarenta e seis annos do seu reinado me desse o resultado d'esta simples equação, $A + B = X$.

Ah! essa incognita, se o Imperador, que lê a *Divina Comedia*, a procurasse, O Seculo de Pedro II lhe lembraria o segundo recesso do Setimo Circulo do Inferno: parecer-lhe-hia estar na Floresta das Harpias, onde as arvores eram almas em cujas copas ellas faziam seus ninhos, de cujas folhas ellas se alimentavam, e de cujas feridas sahiam ao mesmo tempo palavras e sangue... *Parole e sangue!* Não lhe seria possivel quebrar o menor dos ramos d'essa vegetação de lagrimas sem que toda ella gritasse como a alma ferida pelo Dante: « Porque me dilaceras? Não tens sentimento algum de compaixão? Nós fomos homens, e hoje não somos senão tronços. Tua mão deveria ser menos cruel quando mesmo fossemos almas de serpentes. »

« Uomini fummo, ed or sem fatti sterpi:
Ben dovrebb' esser, la tua man più pia,
Se state fossim anime di serpi. »

E tendo aberto as primeiras feridas e quebrado os primeiros galhos o Imperador faria como o Poeta: movido pelo amor do seu torrão natal, ... *la carità del natio loco*, elle apanharia no chão as folhas gottejantes para restituil-as ao tronco ensanguentado da pátria, e fazel-o emmudecer.

REGISTO POLITICO

5 de Março de 1886.

A questão Poli

Na ultima semana a attenção publica esteve occupada com uma correspondencia escripta d'aqui para um jornal Italiano de Buenos Ayres por um Dr. Poli, que se intitula Septipatha, o que seria a ultima palavra da medicina se todas as doenças podessem ser reduzidas a septicemia. Mas elle é provavelmente tão polipatha como os outros especialistas. A correspondencia é injuriosa, por certo, desde que nos chama na versão do *Diario de Noticias*, o qual deve saber italiano porque tem uma secção diaria n'essa lingua, de *burros pretenciosos e miseraveis*. A principal arguição, porém, contra nós é a de sermos um povo mestiço, facto que muitos Brazileiros até mesmo de côr resentem como insulto e que é sempre o primeiro que os estrangeiros malevolos nos lançam em rosto. O Dr. Poli é de uma ignorancia sem limites; toma por exemplo o Dahomey, que é um reino, por um homem, falando-nos de «Dahomey I, o celebre cannibal.» Para elle a Senegambia é talvez uma mulher sem pernas.

O artigo não valia o furor que provocou. A mocidade Brazileira, sobretudo, não deve estragar a indignação de que é capaz, em factos tão insignificantes. Ha entre nós muito mais de que indignarmos-nos. Todos os Polís do mundo não fazem tanto mal ao nosso paiz como as barbaridades praticadas entre

nós, e muitas d'ellas por estrangeiros, contra os escravos. O Dr. Poli retirou-se do Rio espontaneamente, não se julgando seguro. Não teriamos approvado o emprego de medidas extra-legaes. O estrangeiro deve ter no Brazil até para atacar-nos o mesmo direito que o Brazileiro — de fazer tudo que não lhe seja prohibido por lei. Os Conservadores, que costumam explorar todos os sentimentos patrioticos, já estão procurando aproveitar-se do incidente Poli por meio de artigos officiosos na imprensa contra um dos jornalistas a quem a causa liberal mais deve n'este paiz, Angelo Agostini, um d'esses homens, como eu tambem me supponho, que se não mudam nunca de patria, não podem viver em nenhum paiz, mesmo temporariamente, sem identificar-se n'elle com o liberalismo mais adeantado.

Quando ha tantos estrangeiros alistados, e com altas patentes, no exercito das duas escravidões, é demasiada exigencia não querer que a liberdade tenha tambem alguns voluntarios de outros paizes.

O Canal de Panamá

Reeebi de Londres, o anno passado, o livro que o nosso eminente compatriota J. C. Rodrigues publicou sobre o canal de Panamá, refundindo uma serie de artigos seus impressos no *Financial News*.

Agora vejo na *Pall Mall Gazette* (de 29 de Janeiro) um artigo do mesmo escriptor sobre o assumpto, e no *Athenæum* (de 26 de Dezembro) e no *Truth* (de 4 de Fevereiro) criticas do livro altamente favoraveis. O Sr. Rodrigues acompanhou Lesseps a Panamá em 1879 como correspondente especial do *New-York World* e com a admiravel sagacidade, originalidade de recursos e o talento de investigação que o distinguem apoderou-se dos mais insignificantes detalhes da empreza gigantesca de cortar o isthmo. As conclusões do nösso compatriota são no livro de todo o ponto contrarias á Companhia e no artigo da *Pall Mall Gazette* elle insiste em considerá-la sem salvação possivel.

Os factos, segundo elle, são em poucas palavras estes: é absurdo esperar uma renda bruta para a empreza de £ 3,600,000, quando a de Suez em 1884 foi de £ 2,600,000. Lesseps promette o Canal para 1889; o Sr. Rodrigues não suppõe que o Canal possa estar concluido em menos de nove annos, e então dado que tenha uma tonelagem de 5 milhões, sendo o capital em açções e *bonds* de 107 milhões esterlinos, haverá um *deficit* annual de £ 3,300,000! Verificar-se-hia

assim o que Paul Leroy-Beaulieu concluiu tambem do exame da questão, que a não reorganizar-se a Companhia « ver-se-ha o mais terrivel desastre financeiro do seculo XIX. » A situação da Companhia é realmente má, e como ella tem 110,000 accionistas em França sua sorte interessa até á Republica. O governo Francez fez partir um engenheiro, o Sr. Rouseau, em companhia de Lesseps, o qual aos oitenta e um annos de idade acaba de fazer uma viagem mais a Panamá. Quando mesmo o governo Francez autorize a Companhia a emittir os vinte e quatro milhões de que ella precisa, em fórma mais ou menos de loteria, esse dinheiro será apenas sufficiente para a menor parte das excavações.

O livro de Sr. Rodrigues é escripto, politicamente, do ponto de vista Norte-Americano. É impossivel lel-o sem chegar á conclusão de que se por acaso *O Grande Francez*, como todo o mundo chama com razão ao creador do Canal de Suez, conseguir levar a cabo a sua segunda colossal empreza de Panamá, os accionistas Francezes terão feito á America Central o presente gratuito de um milhão de contos de réis.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).